

ANTONIO GARRIDO

O LEITOR  
DE CADÁVERES

Tradução de Helena Pitta

# 1

Naquela madrugada, Cí levantou-se cedo para evitar encontrar-se com o irmão Lu. Sentia os olhos a fecharem-se, mas o arrozal esperava-o desperto, como todas as manhãs.

Levantou-se do chão e enrolou a esteira enquanto inspirava o aroma do chá com que a mãe perfumava a casa. Ao entrar no aposento principal, cumprimentou-a com uma inclinação de cabeça e ela respondeu-lhe escondendo um sorriso, que o filho descobriu e devolveu. Adorava a mãe quase tanto como adorava a irmã mais nova, Terceira. As suas outras irmãs, Primeira e Segunda, tinham morrido durante a infância devido a um mal de família. Terceira, embora doente, era a única que restava.

Antes de comer fosse o que fosse, dirigiu-se para o pequeno altar que tinham erigido junto de uma janela, em memória do avô. Abriu os postigos e respirou fundo. Lá fora, os primeiros raios de sol atravessavam timidamente a neblina. O vento baloiçou os crisântemos colocados na jarra de oferendas e avivou as espirais de incenso que subiam pela sala. Cí fechou os olhos para rezar uma prece, mas à sua mente acorreu apenas um pensamento: «Espíritos dos céus, permiti-nos regressar a Lin'an.»

Lembrou-se dos dias em que os avós ainda eram vivos. Naquele tempo, a aldeola era o seu paraíso e Lu, o herói que qualquer criança gostaria de ser. Lu era como o grande guerreiro das histórias que o pai contava, sempre disposto a defendê-lo quando os outros miúdos lhe

tentavam roubar a ração de fruta ou a afugentar os descarados que pretendiam exceder-se com as suas irmãs. Lu ensinara-o a lutar, utilizando os pés e as mãos para derrubar os seus rivais; levou-o ao rio para chapinhar entre as barcas e pescar carpas e trutas, que depois levavam para casa numa grande algazarra, e mostrara-lhe onde ficavam os melhores esconderijos para espreitar as vizinhas. Mas, com a idade, Lu foi ficando vaidoso. Quando fez quinze anos, a sua força transformou-se numa gabarolice constante, tão grande como o seu desprezo por qualquer outra habilidade que não fosse a de vencer uma luta. Começou a organizar caçadas a gatos para se armar diante das raparigas, embebedava-se com o licor de arroz que desviava das cozinhas e vangloriava-se de ser o mais forte do bando. Tornou-se tão convencido que chegava a encarar a troça das raparigas como lisonjas, sem perceber que na realidade elas o evitavam. E, de ídolo, Lu passou a provocar em Cí simples indiferença.

Apesar de tudo, até essa altura, Lu nunca se tinha metido em confusões, além de alguns olhos negros depois de uma luta ou de usar o búfalo comunitário para apostar nas corridas de água. Mas quando o pai anunciou a sua intenção de se mudar para a capital, Lin'an, Lu recusou-se categoricamente. Já tinha dezasseis anos, era feliz no campo e não pensava sair da aldeia. Alegou que aí dispunha de tudo aquilo de que precisava: do arrozal, do seu grupo de valentões e de duas ou três prostitutas dos arredores que se riam das suas graçolas. E, embora o pai tenha ameaçado repudiá-lo, não se deixou intimidar. Naquele ano, separaram-se. Lu ficou na aldeia e o resto da família emigrou para a capital em busca de um futuro melhor.

Os primeiros tempos em Lin'an foram difíceis para Cí. Levantava-se todas as manhãs de madrugada para ver o estado da irmã, preparava-lhe o pequeno-almoço e cuidava dela até a mãe voltar do mercado. Depois, engolia uma taça de arroz e ia para a escola, onde permanecia até à hora do almoço, altura em que corria até ao matadouro onde o pai trabalhava para o ajudar o resto do dia, em troca das vísceras que ficavam espalhadas pelo chão. À noite, depois de limpar a cozinha e de saudar os antepassados com uma oração, aproveitava para rever os tratados de Confúcio que teria de recitar na manhã seguinte, na escola. E foi assim, mês após mês, até ao dia em que o pai arranhou um emprego de contador na prefeitura de Lin'an, sob as ordens do juiz Feng, um dos magistrados mais sagazes da capital.

A partir desse instante, as coisas começaram a melhorar. A receita familiar aumentou e Cí pôde deixar o matadouro e dedicar-se totalmente aos estudos. Depois de quatro anos na escola superior, e graças às suas excelentes classificações, Cí conseguiu um lugar de ajudante na repartição de Feng. A princípio, ocupava-se de tarefas burocráticas simples, mas a sua dedicação e esmero chamaram a atenção do juiz, que encontrou naquele rapaz alguém que poderia instruir à sua imagem e semelhança.

Cí não o defraudou. Com o passar dos meses, passou das tarefas rotineiras à colaboração na recolha de depoimentos, a presenciar os interrogatórios dos suspeitos e a ajudar os técnicos na preparação e limpeza dos cadáveres que, em função das circunstâncias dos óbitos, Feng tinha de examinar. Pouco a pouco, o seu esmero e a sua perícia tornaram-se imprescindíveis para o juiz, que não hesitou em atribuir-lhe mais responsabilidades. Finalmente, Cí acabou a ajudá-lo na investigação de crimes e litígios, tarefas que lhe permitiram conhecer os fundamentos da prática legal, ao mesmo tempo que adquiria noções rudimentares de anatomia.

Durante o seu segundo ano na universidade, e incentivado por Feng, Cí frequentou um curso preparatório de Medicina. De acordo com o magistrado, eram inúmeras as ocasiões em que as provas que podiam denunciar um crime permaneciam escondidas nas feridas e, para as descobrir, era preciso conhecê-las e estudá-las, não como juiz, mas como cirurgião.

Tudo continuou assim, até que uma noite o avô de Cí adoeceu repentinamente e faleceu. Depois do funeral, e como determinavam os rituais do luto, o pai teve de renunciar ao lugar de contador e abandonar a casa de cujo usufruto beneficiara. Sem trabalho e sem casa, e contra os desejos de Cí, toda a família se viu obrigada a regressar à aldeia.

No regresso, Cí encontrou o irmão muito mudado. Vivia numa casa nova, que construía com as próprias mãos, comprara uma parcela de terreno e tinha vários jornaleiros ao seu serviço. Quando, forçado pelas circunstâncias, o pai lhe bateu à porta, Lu obrigou-o a desculpar-se antes de o deixar entrar, e pô-lo num quarto pequeno em vez de lhe ceder o seu. Tratou Cí com a mesma indiferença de sempre, porém, quando verificou que este já não o seguia como um cãozinho submisso e que o seu único interesse se centrava nos livros, passou a fazer dele a vítima de todas as suas iras. Era no campo que o verdadeiro valor de

um homem se revelava. Aí, nem os textos nem os estudos lhe proporcionariam arroz nem jornaleiros. Para Lu, o irmão mais novo não passava de um inútil de vinte anos que teria de alimentar. E, a partir desse instante, a vida de Cí transformou-se num porvir de insolências que o levaram a odiar aquela aldeia.

Uma rajada de vento fresco devolveu Cí ao presente.

De regresso à sala deparou com Lu, que bebia ruidosamente o seu chá, junto da mãe. Ao vê-lo, cuspiu para o chão e, com maus modos, deixou cair a chávena na mesa. Depois, sem esperar que o pai se levantasse, pegou na trouxa e foi-se embora sem dizer uma palavra.

– Devia aprender boas maneiras – resmungou Cí, limpando com um pano o chá que o irmão acabara de derramar.

– E tu devias aprender a respeitá-lo, que para isso vivemos em sua casa – replicou a mãe sem levantar os olhos do fogão. – Um lar forte...

«Sim. Um lar forte é aquele que é mantido por um pai determinado, uma mãe prudente, um filho obediente e um irmão benévolo.» Não precisava que ninguém lho repetisse. Lu encarregava-se de lho recordar todas as manhãs.

Embora aquela não fosse incumbência sua, estendeu as esteiras de bambu e pôs as taças na mesa. Terceira tinha piorado da doença que lhe atacava o peito, e ele não se importava de fazer as tarefas da irmã. Colocou as tigelas de modo a formarem número par e virou o bico da chaleira para a janela, para que não ficasse a apontar para nenhum dos comensais. Ao centro colocou o vinho de arroz e as papas e, ao lado, as almôndegas de carpa. Olhou para a cozinha enegrecida e para o lavatório fendido. Mais do que uma casa, aquilo parecia uma forja desconjuntada.

Pouco depois, o pai apareceu a coxear. Cí sentiu uma pontada de tristeza.

«Como envelheceu.»

Franziu os lábios e cerrou os dentes. A saúde do pai fora-se debilitando ao mesmo tempo que a de Terceira. O homem caminhava trémulo, com os olhos baixos e a barba rala pendendo como um trapo de seda desfiada. Quase não se viam nele vestígios do funcionário metucioso que até há pouco tempo inculcara em Cí o amor pelo método e pela perseverança. Observou as suas mãos céreas, dantes esmeradamente cuidadas, que agora pareciam ásperas e cobertas de calos. Imaginou que o pai sentiria saudades das suas unhas afiadas e dos dias em que as utilizava para examinar papéis judiciais.

O homem acorrou-se junto da mesa, apoiado ao filho, e, com um gesto, autorizou os outros a sentarem-se. Cí fê-lo e, por último, a mãe instalou-se no lado mais próximo da cozinha. A mulher serviu vinho de arroz. Terceira não se levantou porque continuava prostrada com febre. Como durante toda a semana.

– Vens jantar esta noite? – perguntou a mãe a Cí. – Depois de tantos meses, o juiz Feng gostará de voltar a ver-te.

Cí não ia perder o encontro com Feng por nada deste mundo. Sem que soubesse o motivo, o pai tinha decidido interromper o luto e antecipar o seu regresso a Lin'an, esperando que o juiz Feng acesse readmiti-lo como ajudante. Ignorava se Feng ia à aldeia por esse motivo, mas era o que todos esperavam.

– Lu ordenou-me que levasse o búfalo até ao novo terreno, e depois pensava ir visitar Cereja, mas estarei em casa pontualmente para o jantar.

– Nem parece que já tens vinte anos. Andas extasiado com essa rapariga – interveio o pai. – Se continuares a vê-la tanto, vais acabar por te fartar dela.

– Cereja é a única coisa boa desta aldeia. Além disso, fostes vós quem combinou o nosso casamento – respondeu Cí, acabando de comer.

– Leva os doces, que para isso os cozinhei – ofereceu-lhe a mãe.

Cí levantou-se e guardou-os no saco. Antes de sair, entrou no quarto onde Terceira dormitava, beijou-lhe as faces quentes e afastou-lhe a madeixa de cabelo que se tinha soltado do carrapito. A menina pestanejou. Então, Cí tirou os doces do saco e escondeu-os debaixo do cobertor.

– Que a mãe não os veja – sussurrou-lhe ao ouvido.

Ela sorriu, mas não foi capaz de dizer nada.

Sobre o arrozal coberto de lodo, a chuva fustigou Cí. O jovem libertou-se da camisa encharcada e os braços contraíram-se até adquirirem a dureza do ferro. Músculos e tendões rangeram quando espicçou o búfalo, que avançou com parcimónia, como se adivinhasse que àquele sulco sucederia outro, e, a esse, outro ainda, sempre mais um. Ergueu os olhos e observou o lodaçal verde.

O irmão mandara-o abrir um canal para drenar o novo lote, mas trabalhar nos limites dos campos era difícil devido à deterioração dos diques de pedra que separavam os terrenos. Exausto, Cí olhou para o campo de arroz inundado. O chicote estalou e o animal enterrou as patas na lama.

Já perfizera um terço do dia de trabalho quando a relha ficou presa.

«Outra raiz», amaldiçoou.

Espicçou o búfalo sob a chuva. O animal ergueu a cabeça e mugiu de dor, mas não avançou. As chibatadas seguintes só serviram para que o animal agitasse os cornos, tentando fugir ao castigo. Cí movimentou-se para o fazer retroceder, mas a relha ficou presa pelo lado contrário. Nessa altura, olhou para o animal com resignação.

«Isto vai doer-te.»

Sabendo o sofrimento que lhe provocaria, puxou pela argola que lhe pendia do focinho, fazendo o mesmo aos tirantes. O animal saltou para a frente e a alfaia rangeu. Nesse instante apercebeu-se de que deveria ter arrancado ele mesmo a raiz.

«Se parti o arado, o meu irmão vai moer-me de pancada.»

Respirou fundo e enterrou os braços na lama até encontrar um emaranhado de raízes. Sem sucesso, puxou por um molho delas e, ao fim de várias tentativas, optou por se dirigir para o alforge que pendia do lombo do animal e ir buscar uma serra afiada. Depois, ajoelhou-se novamente e recomeçou o labor. Arrancou algumas raízes grandes, que atirou para longe, e serrou outras ainda maiores. Enquanto se ocupava da mais grossa, sentiu um puxão num dedo.

«De certeza que me cortei.»

Apesar de não sentir qualquer dor, tinha de examinar o dedo atentamente.

A culpa era da estranha doença com que os deuses o haviam amaldiçoado à nascença e da qual só teve consciência no dia em que a mãe tropeçou, derramando-lhe em cima um tacho de azeite a ferver. Tinha apenas quatro anos na altura e sentiu praticamente o mesmo que sentia quando o lavavam com água morna. No entanto, o cheiro a carne queimada avisou-o de que algo terrível acontecera. O tronco e braços sofreram as consequências, ficando queimados para sempre. Desde esse dia, aquelas cicatrizes recordavam-lhe que o seu corpo não era como o das outras crianças e que, embora pudesse considerar-se um felizardo por não sentir dor, teria de prestar muita atenção a qualquer ferida. Apesar de não sofrer com as pancadas e de a dor causada pela fadiga quase não o afetar, permitindo-lhe esforçar-se até ao esgotamento, também era verdade que às vezes, sem se dar conta, ultrapassava os limites do corpo e podia adoecer.

Ao tirar a mão da água, constatou que estava coberta de sangue. Alarmado com a aparente dimensão do corte, foi a correr limpar-se com um pano. No entanto, depois de enxugar a mão, viu apenas uma ponta arroxeadada.

«Que diacho...?»

Espantado, voltou ao lugar onde a relha tinha ficado presa e afastou as raízes, vendo como a água lamacenta começava a tingir-se de vermelho. Soltou os tirantes para libertar a relha e espicaçou o animal para que este se afastasse. Depois, ficou a olhar para a água, enquanto a respiração se lhe acelerava. A chuva repicava na superfície do arrozal, ocultando qualquer outro som.

Entre o espanto e o medo, dirigiu-se lentamente para a pequena cratera que se tinha formado no local onde a relha ficara cravada. Enquanto se aproximava, sentiu um nó no estômago e o coração a latejar-lhe nas têmporas. Pensou em afastar-se, mas conteve-se. Observou então um ligeiro borbulhar que aflorava ritmicamente da cratera e se confundia com o repicar da chuva. Ajoelhou-se lentamente, entreabrindo as pernas, que rodearam os rebordos pegajosos de lodo. Aproximou o rosto da água e não avistou senão sangue. Pensou que, se se aproximasse mais, acabaria por engoli-lo.

De repente, alguma coisa se moveu debaixo de água. Cí deu um salto e afastou a cabeça, surpreendido, mas quando se deu conta de que se tratava de uma pequena carpa, suspirou aliviado.

«Bicho estúpido.»

Levantou-se e pontapeou o peixe, enquanto tentava acalmar-se. Nessa altura, viu outra carpa, com um bocado de carne na boca.

«Mas que diacho...?»

Tentou retroceder, mas escorregou e caiu à água, num remoinho de lodo, sujidade e sangue. Ao sentir algumas raízes roçarem-lhe o rosto, abriu os olhos, e aquilo que viu fez parar-lhe o coração. Diante dele, com um trapo enfiado na boca, a cabeça decapitada de um homem flutuava entre o emaranhado de ervas.

Gritou até ficar sem voz, mas ninguém veio em seu auxílio.

Demorou algum tempo a lembrar-se de que aquela parcela de terreno há muito estava abandonada e de que os camponeses se concentravam no outro lado da montanha. Sentou-se a uns passos do arado, olhando em volta. Quando parou de tremer, pensou em largar

o búfalo e ir à procura de ajuda, ou esperar no arrozal até o irmão regressar.

Nenhuma das opções lhe convinha, mas, sabendo que Lu não tardaria, optou pela segunda. Aquele lugar estava infestado de animais selvagens e um búfalo valia mil vezes mais do que uma cabeça humana mutilada.

Enquanto esperava, acabou de cortar as raízes e libertou a relha. O arado parecia em bom estado, de modo que, com sorte, Lu só o recriminaria pelo atraso na lavra. Pelo menos, assim o esperava. Quando terminou, prendeu novamente o arado e recomeçou a faina. Tentou assobiar para se distrair, mas no seu íntimo ecoavam apenas as palavras que o pai costumava dizer: «Os problemas não se resolvem voltando-lhes as costas.»

«Sim, mas este problema não é meu», respondeu Cí para consigo.

Arou mais dois passos antes de decidir parar e voltar para junto da cabeça.

Durante algum tempo viu, receoso, como esta baloiçava à tona de água. Depois, observou-a um pouco melhor. Tinha as faces esmagadas, como se alguém as tivesse pisado com raiva, e viam-se pequenas lacerações arroxeadas provocadas pelas dentadas das carpas. Tinha as pálpebras inchadas e farrapos de carne sanguinolenta pendiam-lhe da traqueia... havia ainda o estranho trapo que lhe saía da boca entreaberta.

Nunca antes vira uma coisa tão aterradora. Fechou os olhos e vomitou. A cabeça decapitada, percebia-o agora, pertencia ao velho Shang. Ao pai de Cereja, a rapariga que amava.

Quando recuperou, atentou na estranha expressão da boca do cadáver, exageradamente aberta devido ao pano que surgia por entre os dentes. Com cuidado, puxou pela ponta e, pouco a pouco, o tecido saiu, como se desfizesse um novelo. Guardou-o numa manga e tentou fechar-lhe os maxilares, mas estavam deslocados e era impossível fazê-lo. Vomitou novamente.

Lavou a cara com a água enlameada. Em seguida, levantou-se e retrocedeu pelo terreno arado à procura do corpo. Encontrou-o ao meio-dia na extremidade oriental do terreno, a poucos *li* de distância do local onde o búfalo tinha tropeçado. O tronco do cadáver ainda ostentava a faixa amarela que o indicava um homem honorável, tal como o traje de cinco botões. Não viu sinal do barrete azul que usava sempre.

Foi-lhe impossível continuar a trabalhar. Sentou-se no dique de pedra e mordiscou sem vontade um bocado de pão de arroz, mas foi incapaz de o engolir. Olhou para o corpo decapitado do pobre Shang, atirado para a lama como um criminoso executado e abandonado.

«Como explicaria tudo isto a Cereja?»

Perguntou a si mesmo como era possível que alguém pudesse ter tirado a vida a um homem tão honrado e dedicado à família, um homem respeitador das tradições e dos rituais. O monstro que tinha perpetrado aquele crime não merecia, evidentemente, permanecer no mundo dos vivos.

O irmão chegou já a tarde ia a meio. Acompanhavam-no três jornaleiros carregados de mudas, o que significava que decidira transplantar o arroz sem esperar que o terreno drenasse. Cí deixou o búfalo e correu ao seu encontro. Ao chegar junto dele, inclinou-se num cumprimento.

– Irmão! Não vais acreditar no que aconteceu... – O coração batia-lhe, acelerado.

– Como não hei de acreditar se estou a vê-lo com os meus próprios olhos? – rugiu, apontando para o campo, que permanecia por arar.

– É que encontrei um...

Uma vergastada na testa fê-lo cair na lama.

– Maldito vadio! – cuspiu Lu. – Até quando acharás que és melhor do que os outros?

Cí levou a mão ao lanho para estancar o sangue que lhe jorrava da sobrançelha. Não era a primeira vez que o irmão lhe batia, mas Lu era mais velho e as leis confucianas impediam-no de se revoltar. Mal conseguia abrir o olho mas, ainda assim, desculpou-se.

– Peço desculpa, irmão. Atrasei-me porque...

Lu empurrou-o.

– Porque o delicado estudante não tem vontade de trabalhar! – Deu-lhe outro empurrão. – Porque o delicado estudante pensa que o arroz se planta sozinho! – Novo safanão, que o fez cair na lama. – Porque o delicado estudante tem o irmão Lu para dar cabo das costas por ele!

Lu limpou as calças, permitindo que Cí se levantasse.

– En... contrei um ca... dáver... – conseguiu articular.

Lu arqueou uma sobrançelha.

– Um cadáver? A que te referes?

– Ali... no dique... – apontou Cí.

Lu voltou-se para o sítio onde algumas gralhas bicavam o terreno. Empunhou a sua vergasta e, sem esperar por mais explicações, encaminhou-se para o local assinalado por Cí. Quando chegou junto da cabeça, moveu-a com o pé. Franziu o sobrolho e agitou-se.

– Raios partam! Encontraste-o aqui? – Agarrou na cabeça pelo cabelo e balançou-a com asco. – Imagino que sim. Pelas barbas de Confúcio! Mas não é Shang? E o corpo...?

– No outro lado... Junto do arado.

Lu torceu o nariz. Ato contínuo, dirigiu-se aos jornaleiros.

– Vocês os dois, estão à espera de quê para o ir buscar? E tu, descarrega as mudas e mete a cabeça num cesto. Malditos sejam os deuses...! Vamos regressar à aldeia.

Cí aproximou-se do búfalo para lhe retirar o arnês.

– Pode saber-se que diacho estás a fazer? – interrompeu-o Lu.

– Não disseste que regressávamos...?

– Nós – cuspiu. – Tu regressas quando acabares o trabalho.